



## **DISCURSO E SENTIDO: POR ENTRE MEMÓRIAS E CAMINHOS DE SIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DE LEITURA DO SUJEITO ALUNO LEITOR**

**Joel Guedes de Sousa<sup>1</sup>**

O presente estudo está pautado em uma reflexão sobre a história de leitura do sujeito aluno de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, na perspectiva da AD (Análise de discurso) de Linha francesa. Portanto, tem como objetivo geral: refletir acerca das memórias do sujeito aluno leitor, relacionando diferentes processos de significação, recuperando os implícitos e reconhecendo os possíveis sentidos do texto, enquanto objeto linguístico-histórico. E nesse caso, tem como objetivos específicos: a) analisar textos produzidos pelos alunos-leitores concluintes do fundamental II, interpretando os sentidos que se evidenciam e são silenciados no eco de outros lugares do dizer; b) observar o perfil e as características desse aluno leitor refletindo acerca das suas memórias. Assim, contribui para discussão sobre o processo de desenvolvimento da leitura e do leitor, dialogando a respeito das memórias do sujeito aluno, considerando sua realidade social e histórica. Para isso, será utilizado um referencial teórico buscando-se referências bibliográficas em fontes como livros, artigos, teses, dissertações, sites da internet. Trazendo concepções teóricas de alguns estudiosos como Dantas (2007); Orlandi (2012); Fernandes (2007) acerca da análise do discurso, Geraldi (2003), Ferreira (2016) Bortoni-Ricardo (2008) e Severino (2007) dentre outros estudiosos. É uma pesquisa interpretativista de abordagem qualitativa dos dados o que nos leva a compreendermos a realidade social dos sujeitos envolvidos. Aqui analisamos partes de questionários de sondagens elaborados para se obter informações sobre a história de leitura do sujeito aluno, ficando evidente que a história determina um caminho de significação na vida desse sujeito.

**Palavras-chave:** Discurso e sentido, História de leitura, Aluno leitor.

### **INTRODUÇÃO**

A leitura apesar de ser um objeto de discussão entre diversos estudiosos há vários anos, ainda gera interesse em muitos campos de pesquisas, incluindo-se a Análise de Discurso. Desse modo, as práticas socioculturais e educativas também se fazem presentes nesse universo, discutindo-se o letramento como base no ensino-aprendizagem do educando.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo curso de Pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, joel-guedes@hotmail.com



No entanto, é preciso unir esses espaços, criando-se na sala de aula um ambiente em que o estudante possa mostrar que possui experiências de leitura que não unicamente aquelas ensinadas na escola. E para isso é necessário que o professor leve em conta a reflexão sobre o processo de leitura e esteja atento ao desenvolvimento dos alunos, criando meios para que esses possam mostrar as experiências leitoras e demonstrem o senso crítico.

Portanto, observando a leitura em sua acepção mais ampla, atribuindo sentidos. Nesta perspectiva o estudo da linguagem transcende as linhas do tempo e hoje já somos capazes de percebê-la como um trabalho simbólico que se constitui significativamente no social e na história. Por conseguinte, afirma Orlandi (2012), que o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é a linguagem.

Para despertar no sujeito-aluno a compreensão de que a leitura tem relação com outras linguagens e práticas de leitura não escolar, este trabalho traz uma relação da história de leitura de alunos de um 9º ano de uma escola pública da zona rural, mostrando de que forma eles podem usar seus conhecimentos de leitura para contribuir com a formação de alunos de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I.

É um estudo que tem como proposta inicial analisar alguns fragmentos de textos de alunos leitores do 9º ano do Ensino Fundamenta II, buscando compreender como se constituiu o desenvolvimento de sua história de leitora. Com isso, para que em um momento posterior, seja possível compreender a sua capacidade de leitura, observando as influências leitoras que ele pode levar para o aluno da primeira fase do Ensino Fundamental.

Ao buscar na memória do sujeito aluno suas experiências leitoras o professor dessa turma estará agindo como um agente disseminador dos sentidos. É nesse ponto que adentra a AD (Análise de Discurso), referenciando a compreensão da leitura não só como instrumento de um processo vago, mas como aprendizagem formal que estimula os interlocutores a se constituírem significativamente.

Através da produção textual (questionário de sondagem) do aluno-leitor, o professor pesquisador buscou trazer uma análise discursiva dos sentidos enunciados no dizer desses sujeitos. Observando o sujeito/aluno em uma posição de autor, citando nesse caso Orlandi (2012), que coloca que o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Ou seja, ao falar das funções enunciativas do sujeito falante, ela



estabelece que o locutor é aquele que se representa como “eu”, e o autor é a função social que esse eu assume enquanto produtor de linguagem. Em que o falante é o material empírico bruto, e o enunciador é o sujeito dividido em várias posições.

Desse modo, este trabalho traz o seguinte objetivo geral: refletir acerca das memórias do sujeito aluno leitor, relacionando diferentes processos de significação, recuperando os implícitos e reconhecendo os possíveis sentidos do texto, enquanto objeto linguístico-histórico. E nesse caso, é um estudo que tem como objetivos específicos: a) analisar os textos produzidos pelos alunos-leitores concluintes do fundamental II, interpretando os sentidos que se evidenciam e são silenciados no eco de outros lugares do dizer; b) observar o perfil e as características desse aluno leitor refletindo acerca das suas memórias. E estando diante de uma sociedade que recebe variadas influências de leitura e em constante movimento, compartilhamos dos dizeres de Leandro (2012) ao afirmar que o sujeito social, desse século XXI, movimentase num universo complexo de relações sociais à procura sempre de um modo de inscrição.

## **METODOLOGIA**

Ao proporcionar uma maior familiaridade do pesquisador com o seu objeto de estudo de maneira flexível, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa exploratória. Segundo Severino (2007, p.123), a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. No entanto, para Gil (2008) a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, visto que pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica, que é constituída principalmente de livros e artigos científicos. Dessa maneira, trará uma abordagem qualitativa com uma visão interpretativista sobre o desenvolvimento da história de leitura do aluno concluinte do 9º ano.

Para compreendermos um pouco da trajetória leitora do sujeito aluno do 9º ano partiremos da análise discursiva de partes de um questionário de sondagem elaborado para se obter informações sobre a história de leitura desses sujeitos. Visto que em um momento posterior se definiu-se algumas estratégias de seleção, em que alguns alunos



puderam participar de rodas de leitura na turma do 4º ano. Portanto, elaborou-se um questionário com o seguinte enunciado: *Para sabermos um pouco da sua relação com a leitura, conte-nos como se desenvolveu sua história leitora, ou seja, relate sobre: o que você ler na escola, em casa, na rua e em outros lugares que você frequenta. Também fale sobre o que você gosta de ler, por quê? E o que você aprende com a leitura de modo geral?*

Porém, nos deteremos apenas a fragmentos dos textos de alguns alunos da turma do 9º ano que responderam ao questionário. Focalizando principalmente a memória relacionada à aprendizagem da leitura. E por entender que todos os métodos têm em comum a interpretação das ações sociais, esta será uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa procura entender, ou seja, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Contudo, Dantas (2007, p. 12) nos informa que a abstração interpretativa faz com que o pesquisador/ estudioso mergulhe profundamente no discurso e traga de suas entranhas as pérolas escondidas, aqueles sentidos que fogem do sujeito e arremessam este numa confusão de si mesmo.

Logo, os dados do referido estudo serão analisados na perspectiva da análise interpretativista, não sendo possível ignorar a visão dos participantes no caso professor e alunos, participantes do mesmo contexto social. Haja vista que o mundo social que os envolve interfere, sobremaneira, no modo como analisam os fatos sociais pela linguagem (MOITA LOPES, 1994, 329-338). Observando-se que neste tipo de pesquisa, o homem interpreta e reinterpreta o mundo a sua volta em uma pluralidade de vozes, envolvendo questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Discurso e Sentido**

Ao se falar em discurso, é importante considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Segundo Fernandes (2007, p.20), pode-se afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza, que integram a vida humana. Entretanto, Achard et al. (2007) nos informa que a memória atua como representante ou



motor de discursos. Assim, é possível compreender o discurso como sendo as diversas formas de se dizer alguma coisa em algum lugar e em um determinado momento da história.

Orlandi (2004, p. 36) lembra que a análise do discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção de sujeito do discurso e dos sentidos que o significam, permitindo dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído.

Sabendo que é pelo discurso que os efeitos de sentido se evidenciam, Fernandes (2007, p. 21) explica que esses sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelo sujeito em interlocução. Por isso, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioidelógico daqueles que a empregam.

Dantas (2007, p.48), ao falar sobre a produção de sentidos, afirma que para se ter efeitos de sentido, é necessário haver toda uma interdiscursividade que atravesse as palavras, os enunciados e os textos enquanto memória, para os sujeitos, de sua formação discursiva, do lugar de onde ele diz o discurso.

Dantas (2007) afirma que a língua se insere na história (também construindo-a) para produzir sentidos, em que a seleção das condições de produção insere o sujeito em uma formação discursiva (FD). Hoje se vive em uma sociedade multicultural, de lugares e regiões distintas que, de certo modo, têm influência no dizer do homem. E por esse ponto de vista, Dantas (2007, p.52) enfatiza que

Todo e qualquer indivíduo, falante de uma língua natural, desenvolve-se, intelectualmente, num ambiente cultural e recebe deste, em seus aspectos sociais, históricos, políticos, religiosos, jurídicos, sua maneira de pensar, agir e atuar sobre o mundo. O problema é que esses universos culturais não são únicos e se desenvolvem heterogeneamente em sociedades e regiões. São destes diferentes lugares culturais que cada falante diz seu discurso. Há mais dois fatores que complicam essa ideia de “falar” a língua: uma única pessoa pode dizer o discurso de vários lugares ou pode assumir discursos de lugares em conflito.

Foucault (1995, p.43 apud DANTAS, 2007, p.52-53) explica esse problema da relação entre os enunciados em um discurso através de seu conceito sobre “formação discursiva”.





Para esse autor, no caso em que se puder, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Por esse contexto, todos esses sistemas culturais (conjunto de valores, ideologias), constitutivos de cada falante, caracterizam-se discursivamente como formações discursivas. Pêcheux (1997), então, ao se apropriar desse conceito de Foucault, sendo heterogêneo o discurso, afirma que sendo heterogênea a relação entre ideologia e discurso, as formações ideológicas “comportam uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito”. Assim os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes, ou seja, em sujeitos do seu discurso, através das formações discursivas representadas “na linguagem” em conformidade com as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Conforme Fernandes (2007, p. 51), para a Análise de Discurso, o envolvimento de diferentes discursos e transformações sociais, que se integram aos processos de formação e transformação sociais, próprios da existência do homem, denomina-se interdiscurso. Dantas (2007, p.73) também menciona o interdiscurso, pontuando que a fala de todo e qualquer sujeito é perpassada por dizeres de outro lugar e outros sujeitos. Enfatiza que a FD (Formação Discursiva) produz a ilusão, para o sujeito, de que tudo o que está dito origina-se dele mesmo e significa o que ele quis dizer. Segundo Pêcheux (1988 *apud* DANTAS, 2007, p.74), o interdiscurso fornece a cada sujeito o que ele pode e deve dizer, um conjunto de evidências e de significações percebidas, aceitas, experimentadas.

Orlandi (2005, p. 99) informa que o sujeito na Análise de Discurso é posição, na qual se observam os sentidos possíveis que estão em jogo, pois sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da história, em que entram o imaginário e a ideologia.

O objetivo da AD doravante Análise de discurso é analisar/conferir como o discurso funciona, por ser este uma unidade complexa. Segundo Orlandi (2004, p. 59), o texto é heterogêneo: 1) Quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos: imagem, grafia, som, etc.; 2) Quanto à natureza das linguagens: verbal, escrita, não-verbal, etc.;



3) Quanto à posição do sujeito. 4) Quanto à diferença em termos de formações discursivas (FD).

Já Fernandes (2007, p. 39) enfatiza o conceito de heterogeneidade discursiva sob o enfoque da linguista Jacqueline Authier-Revuz, trazendo a noção de heterogeneidade sob duas formas: *heterogeneidade constitutiva*, sendo a condição de existência dos discursos e dos sujeitos e *heterogeneidade mostrada*, em que a voz do outro se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito, podendo ser identificada na materialidade linguística.

Orlandi (2004, p. 149) enfatiza que a Análise de Discurso teoriza a interpretação em um sentido forte, interrogando a interpretação. Nesse sentido, é fundamental pensar a relação da língua e da ideologia, pois, para a Análise de Discurso, a língua, enquanto sistema sujeito a falhas, se inscreve na história para significar.

### **LEITURA: espaço de significação**

Convivemos em um espaço social em que a leitura se torna a base da nossa constituição como sujeitos, estabelecendo que o homem em sua realidade utiliza a linguagem para significar em seu universo histórico/social. E se utilizamos a linguagem para nos comunicarmos, entendemos que ela nos oferece variadas possibilidades de leitura e, portanto, pode ser entendida como atribuição de sentidos, Orlandi (2012).

A leitura deve estar presente no desenvolvimento das habilidades leitoras desde os primeiros anos de escolarização, instruindo e capacitando os sujeitos a compreenderem melhor sua cultura, sua história e a sociedade que os cercam. Segundo Galvão e Batista (1999, p. 13) práticas de leitura designam “uma tendência a lidar com a leitura em seu acontecimento concreto, tal como desenvolvida por leitores reais, e situada no interior dos processos responsáveis por sua diversidade e variação”. Portanto, quando falamos em leitura, a escola é o grande referencial na vida do aluno e as práticas leitoras devem estar presentes dentro da sala de aula, considerando a realidade social de seus leitores.

Logo, entendemos que o leitor atribui sentido ao texto, e é nesse processo que sujeito e sentido se unem para significar. Assim, segundo Orlandi (2012, p. 13) quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. Portanto, saber ler é saber o que o



texto diz e o que ele não diz, mas constitui significativamente.

Para compreender um texto é preciso que o leitor não só visualize imediatamente o seu propósito, mas também, o que o constitui como parte significativa. No entanto, essas relações de força se tornam o lugar social dos interlocutores. Assim, Orlandi (2012, p. 14) frisa que o(s) sentido(s) de um texto está(ão) determinado(s) pela posição que ocupam aqueles que o produzem ( os que o emitem e o leem).

E conforme os PCN temos que “Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade”. (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, BRASIL, 1998; p. 15).

Visto por este cenário, se faz necessário estabelecer práticas de leitura na sala de aula, sendo importante para que o estudante possa desenvolver seu censo crítico, significando e compreendendo o seu espaço social. Assim, para Galvão e Batista (1999, p. 12), a expressão práticas de leitura tende “a marcar – ainda que de modo difuso - os atuais contornos do interesse das ciências sociais a respeito do ato de ler”. E por esta vertente, temos que o ato de ler será um importante passo para a construção do conhecimento do aluno.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A leitura é considerada uma atividade de socialização e Geraldi (2003, p. 171) afirma que é no processo social do sistema de referência que as expressões se tornam significativas. Segundo esse autor, a leitura incide sobre “o que se tem a dizer”, porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente. Portanto, será uma forma de estabelecer sentidos na construção de conhecimento do aluno-leitor do 9 ano do ensino fundamental II.

### **Memória: a história leitora do sujeito aluno**

Segundo Rodrigues (2011, p.140, *apud* FERREIRA 2016, p. 127) constitui-se memória, os rastros deixados pelas práticas humanas, o que indica que nossos movimentos/performances falam e registram, na memória individual e do grupo social,





o que julgamos ser importante para outrem, mesmo quando ele é o nosso próprio eu. Consequentemente, Loriga (2009, p.15, *apud* FERREIRA 2016, p. 126) ao discutir a relação entre história e memória pontua que a memória é relevante para compreensão das relações sociais.

### **História leitora – memória do sujeito aluno (A)**

Na minha infância eu sempre tive vontade de aprender cada vez mais, e eu queria muito aprender a ler, **comecei a tentar ler e com a ajuda da professora conseguir**, em casa eu sempre gostava de ler, e quando eu consegui não podia ver nada escrito que começava a ler. (...). Eu gosto de ler livros ... porque passa o tempo **e é importante pra todos**.

**Partes do questionário de sondagem** – Fonte própria do pesquisador.

A leitura iniciou-se na vida do sujeito aluno através do auxílio de sua professora, fator que se mostra presente em sua memória e para esse aluno a leitura não é só importante para si, mas para todos. Halbwachs (2003, p.30, *apud* FERREIRA 2016, p. 128) expõe que carregamos um pouco de cada pessoa em nós, o que nos leva a considerar os seus pontos de vista ao descrever um fato, um lugar ou acontecimento. Para o autor, jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. A lembrança da professora está presente em sua memória, portanto ver na leitura algo importante não para si unicamente, mas para todos.

### **História leitora – memória do sujeito aluno (B)**

Eu ficava sempre pedindo para minha mãe me ensinar a ler, pois eu não tinha a idade certa de estudar na escola ainda. Tinha **uma professora que era muito amiga da minha mãe e quando ela terminava o trabalho dela como professora, trazia pedacinhos de giz para a minha mãe**. Aqui em casa tinha uma banquinha de madeira e nessa banquinha **minha mãe escrevia algumas palavras pra me soletrar e tentar ler**. Eu fui aprendendo cada vez mais e quando entrei na escola já sabia ler muitas palavrinhas. **Antes, sempre depois da tarefa tinha a hora da leitura** a gente lia livros com histórias muito divertidas. Hoje, digamos que nem tudo mudou, ainda temos leitura com livros sim, **mas hoje lemos e temos que estudar** sobre o conteúdo, fazer exercícios sobre o que estudou, etc... E podemos dizer que **não é tão simples como antes** (...)

**Partes do questionário de sondagem** – Fonte própria do pesquisador.



Esse sujeito aluno traz em seu discurso lembranças de sua infância em que só o retorno à memória seria capaz de significar um importante papel de sua mãe e da amiga professora no que se refere à aprendizagem da leitura. Isso acontece porque “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência” (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 288, *apud* FERREIRA 2016, p. 128). Assim, a mãe e a professora que eram amigas se tornaram referências na vida desse sujeito contribuindo com sua aprendizagem.

Nos três últimos enunciados destacados, percebemos que os advérbios de tempo **antes** e **hoje** se tornam essenciais para identificarmos a constituição de uma lembrança, em que a leitura era levada para sala de aula como forma prazerosa, não unicamente para ser cobrada nos exercícios como acontece hoje, visto que antes para esse sujeito era repassada de forma simples e hoje parece ser complicada. E nessa cadeia de recordações (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 291, *apud* FERREIRA 2016, p. 133) colocam que a contraposição ao tempo oferece continuamente a imagem da mudança, o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade. Então, nesses espaços ainda permanecem um elo que faz da leitura não só a sensação de um momento agradável, mas também de estudo, e nesse sentido é que se encontra a mudança relacionada ao seu passado.

### **História leitora – memória do sujeito aluno (C)**

Desde nova eu fui interessada pelos estudos. Principalmente quando não sabia ler. **Chegava em casa e minha mãe me ensinava as letras do alfabeto**, me mandava fazer meu nome várias vezes. A professora na escola me ajudava bastante pois era muito paciente e **quando aprendi a ler queria ler tudo que via na frente**, era jornal, revistas, placas de trânsito, anúncios, histórias em quadrinhos... **E aquele momento era interessante de se descobrir.**

**Partes do questionário de sondagem** – Fonte própria do pesquisador.

O interesse desse sujeito pelos estudos se inicia na infância, principalmente quando lembra que chegava em casa e a mãe ensinava as letras do alfabeto. Sendo um contexto, que não estar unicamente em um lugar, mas estar inserido num conjunto de lugares de sua memória, conforme Rodrigues (2011, p.105 *apud* FERREIRA 2016, p. 130) “é preciso, pois, religar os objetos de memória, os homens e os tempos, e fazer uma leitura desse memorial da vida humana, inserido num conjunto de lugares de



memória”.

Para Halbwachs (2003, p.53-54 *apud* FERREIRA 2016, p. 130) quando essa lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço. E na posição de um leitor, tinha o momento de “ler tudo que via pela frente” como “interessante de se descobrir”, nesse caso reflete sobre a importância da prática de leitura em sua formação como leitor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo trouxe uma reflexão sobre a leitura e o leitor, pois tornou a memória do sujeito aluno uma construção simbólica, reconhecendo que sua história determina um caminho de significação.

E neste encadeamento, foi possível perceber que os sujeitos alunos ao se enunciarem fizeram uma importante menção à relação entre o processo de aprendizagem da leitura e a presença constante de suas mães ou professoras. De uma forma ou de outra, elas atuaram como sujeitos presentes na memória afetiva do sujeito aluno, seja na sala de aula ou em casa. O que mostra que a leitura quando instigada não só na escola, mas no ambiente familiar ajuda a criança a ter interesse por ler e descobrir de certa forma o mundo a sua volta.

A leitura em seu espaço social se fez memorizada, e a partir dessas lembranças presentes no interdiscurso nos foi possível construir uma releitura do significado dessas memórias na constituição histórica desse sujeito leitor, que em um movimento discursivo, trouxe lembranças silenciadas pelo tempo. Assim, temos um sujeito aluno que retrata a leitura como importante em sua formação, mas ao mesmo tempo é um sujeito que sente saudades do tempo em que a leitura não era cobrada de forma impositiva, já que hoje segundo eles, quando se ler na escola é para responder atividades ou para provas.

Ao significar essas memórias a partir de um encadeamento social e histórico o professor dessa turma, trouxe para seu campo de estudo uma importante informação sobre o ato de ler na escola. No entanto, poderá rever sua prática e constituir métodos em que a leitura possa voltar a ser algo prazeroso e motivador na sala de aula. Portanto,



ao ouvir o aluno em sua posição de leitor, essa pesquisa se mostrou eficaz, mostrando que o professor em seu planejamento deve reservar momentos de leitura, que não unicamente sejam cobradas em atividades, mas que possam atribuir um valor maior, capaz de dar sentido.

## REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: et al. **Papel da memória**. Trad. e int, José Horta. Campinas: Pontes, 2007.

*BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.*

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do Discurso**: algumas aproximações da análise do discurso. Campina Grande: ADUFCG, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Paulo Claraluz, 2007.

FERREIRA, Rafael de Farias. **Tessituras de memórias e narrativas de rendeiras do cariri paraibano na educação básica**. 2016. 233 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação Profissional em Formação de Professores – PPGPPF) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB.

GALVÃO & BATISTA (Org.) **Leitura**: práticas, impressos, letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

LEANDRO, Maria de Lourdes da Silva; ARANHA, Simone Dália de Gusmão; PEREIRA, Tânia Maria Augusto (Orgs.). **Os Sentidos (Des)velados pela Linguagem**. João Pessoa, Ideia, 2012.

MOITA LOPES, L. P. **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada**: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A., Vol. 10, N° 2, 1994, 329-338.*

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: formulações e circulação dos sentidos. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. Ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.